



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**A (IN) DESEJADA DAS HORAS: O TEMA MORTE NA POESIA DE MANUEL
BANDEIRA.**

SERRA TALHADA - PE

2023

CARLOS SAMUEL DOS SANTOS DINIZ

**A (IN) DESEJADA DAS HORAS: O TEMA MORTE NA POESIA DE MANUEL
BANDEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria do Socorro Pereira Almeida

SERRA TALHADA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D585(Diniz, Carlos Samuel dos Santos
A (in) desejada das horas: O tema morte na poesia de Manuel Bandeira / Carlos Samuel dos Santos
Diniz. - 2023.
39 f.

Orientadora: Maria do Socorro Pereira de Almeida.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2023.

1. Morte. 2. Poesia. 3. Bandeira. I. Almeida, Maria do Socorro Pereira de, orient. II. Título

CDD 410

CARLOS SAMUEL DOS SANTOS DINIZ

**A (IN) DESEJADA DAS HORAS: O TEMA MORTE NA POESIA DE MANUEL
BANDEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, da Universidade Federal Rural de Pernambuco- Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês.

Monografia apresentada e aprovada em: 29/03/2023

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida (UAST/UFRPE)
(Orientadora)

Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (UAST/UFRPE)
(Examinador 1)

Prof. Me. José Robson da Silva (SESC-PE)
(Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu a vida.

À minha família, pelo esforço e dedicação de sempre.

À Robson Farias, por ter me apresentado a obra de Manuel Bandeira.

Às minhas amigas de graduação, Iza, Vitória e Rita, por sempre me estenderem à mão nos momentos difíceis desta caminhada.

À professora e orientadora, Socorro Almeida, por seus auxílios constantes sempre que a recorri.

Por fim, não menos importante, À LITERATURA, pois, sem ela, não teria continuado o curso. A literatura me salvou.

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

(Antônio Cândido)

RESUMO

O trabalho tem por objetivo analisar os poemas do autor pernambucano Manuel Bandeira no que tange a temática da morte e entender as suposições que levaram o poeta a escrever sobre o tema de forma tão recorrente em suas obras. Nesse viés, o contexto de desenvolvimento deste trabalho, é selecionar três poemas para análise e compreender o que levou Bandeira a dialogar tão bem com a morte, como nenhum outro poeta brasileiro modernista o fez. Para tanto, buscamos analisar, principalmente, as perspectivas de Arrigucci Jr (1990) e Rosenbaun (2002), que trazem um panorama ímpar dos traços bandeirianos sobre o tema, além de outros estudiosos tão importante quanto no desenvolvimento da pesquisa. Metodologicamente, procuramos investigar a temática nos poemas “Preparação para a morte” (1960), “Desencanto” (1917) e “Profundamente” (1989). As análises não admitem uma regra cronológica. Ao longo da pesquisa podemos observar que entendemos a importância da literatura para com o corpo social e com os desdobramentos que ela possui, tanto para a relação dos “eus”, nesse caso, Bandeira e sua vida pessoal, quanto para a relação do poeta com o mundo.

Palavras-chave: Morte; Poesia; Bandeira.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the poems of the Pernambuco author Manuel Bandeira regarding the theme of death and to understand the assumptions that led the poet to write about the theme so recurrently in his Works. In this vein, the development context of this work is to select three poems for analysis and understand what led Bandeira to dialogue so well with death, as no other Brazilian modernist poet did. Therefore, we seek to analyze, mainly the perspectives of Arrigucci Jr (1990) or Rosenbaun (2002), which bring a unique panorama of Bandeira's traits on the theme. Methodologically, we seek to investigate the theme in poems "Preparação para a morte" (1960), "Desencanto" (1917) or "Deeply" (1989). The analyzes do not admit a chronological rule. Throughout the research we can observe that we understand the importance of literature towards the social body and with developments that it has, both for the relationship between the "selves", in the case, Bandeira and his personal life, and for the poets relationship with the world.

Key-words: Death; Poetry; Bandeira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 “MANUEL BANDEIRA: ESTILO, ESTÉTICA E PONDERAÇÕES CRÍTICAS”	9
1.1 RELAÇÃO INTRÍSECA COM A MORTE	17
1.2 O “MOTE” DA ESCRITA-EPITÁFIO BANDEIRIANA.....	21
2 AS FACES DA MORTE NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA	24
2.1 PREPARAÇÃO PARA A MORTE	26
2.2 DESENCANTO	28
2.3 PROFUNDAMENTE.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como objetivo analisar alguns poemas do autor pernambucano, Manuel Bandeira, no que diz respeito à temática da morte em sua obra e observar as variadas formas em que a morte se apresenta nas facetas literárias do poeta uma vez que é uma temática muito presente em seu trabalho. A recorrência do tema destacado na poesia brasileira é mencionada por Arrigucci Júnior como “aspecto característico da lírica moderna, enquanto fenômeno histórico internacional.” (1990, p. 230). Nesse sentido, o presente trabalho ganha importância na literatura por analisar um dos temas centrais da poética de Bandeira, enfatizado na poesia moderna em geral, seja como morte em forma de ausência, como uma evasão da vida ou até sua contemplação com o passar dos anos, o ato de esperar o que nunca chega.

Dessa forma, traçamos um caminho para melhor desenvolvimento da pesquisa. O capítulo I “Manuel Bandeira: estilo, estética e ponderações críticas” traz uma abordagem sobre a biografia do autor, de forma clara e enxuta, dialogando com os pressupostos teóricos de Arrigucci Júnior (1990) e Rosenbaun (2002), entre outros estudiosos da vida e obra do pernambucano. Ainda nesse capítulo, há uma discussão sobre o estilo do poeta, que muda com o passar dos anos, passando pela estética do Parnasianismo e Simbolismo, até chegar em sua melhor fase, o Modernismo.

Ao decorrer do trabalho, passaremos por aspectos importantes dentro dessa temática, como a relação intrínseca de Manuel Bandeira com a morte, herdada com a descoberta, na maior idade, da tuberculose; a escrita epitáfio, no que tange a polifonia e o itinerário da morte, assumindo, assim, o papel de uma escrita-epitáfio, e a análise de poemas relacionados à temática da morte.

A parte de análise dos poemas é a mais importante nesse contexto, analisaremos os textos que mais dialogam com a temática, a exemplo de “Preparação para a Morte” (*Estrela da Tarde*, 1960), “Desencanto” (*A Cinza das Horas*, 1917) e “Profundamente” (*Estrela da Vida Inteira*, 1989) salienta-se que o conjunto de poemas que encerra este livro, torna-se de extrema importância para identificarmos as diversas facetas que o tema morte assume na poética bandeiriana.

O tema morte, relacionado ao autor, é um paradoxo indivisível, pois o poeta pernambucano consegue fazer um diálogo ora por pensamentos melancólicos, anos quais a doença o interrompe de viver mesmo em vida, o impede de fazer coisas que gostaria. Mas vemos que o eu poético em cada discurso poético nos faz perceber essa

dualidade, ora por acreditar que a morte é uma libertação ou até mesmo a companheira de todas as horas, ora por imaginar que é o fim de uma vida breve¹ e sem escolhas.

A pesquisa de caráter bibliográfico, se materializa pelo apreço para com os textos do poeta, bem como a intensidade com que Bandeira trabalha o viés da morte em seus poemas. Com isso, analisar os sentidos ou faces da morte na poesia do autor é o principal motivo que nos leva a observar como essa temática perpassa por seus textos desde a infância até sua velhice, é de extrema importância para o trato com a literatura do poeta e, em especial, para a área acadêmica se debruçar nesta perspectiva.

Para Marconi e Lakatos (2005), o objetivo da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com determinado assunto por meio de toda obra que já foi escrita, falada ou filmada, incluindo conferências e debates que tenham sido publicadas ou gravadas.

Esta pesquisa, também se torna fruto da leitura dramatizada intitulada “Bandeira II” que montei em parceria com o doutorando Robson Farias (UFPE) para circular no projeto do SESC Triunfo, *Via das Artes*, em 2013. A partir daí os poemas de Manuel Bandeira ganharam um novo sentido e seus livros tornaram-se companheiros de leitura durante muito tempo.

É importante, durante toda a pesquisa, lembrar do trato com a leitura, por meio de perspectivas como a leitura dramatizada, mencionada acima. Não é um viés que o trabalho irá se debruçar, mas como foi importante para minha trajetória de incentivo às obras do autor, a leitura literária nos torna capazes de decodificar maneiras de ver a sociedade e as diversas facetas que literatura/leitura literária tem.

¹ Embora saibamos que Manuel Bandeira contrariou as expectativas dos tuberculosos e viveu 82 anos. Vida breve era o pensamento de todos a respeito por imaginar que a tuberculose, por ser uma doença sem tratamento eficaz e fatal, tiraria da vida qualquer um que se infectasse.

1 “MANUEL BANDEIRA: ESTILO, ESTÉTICA E PONDERAÇÕES CRÍTICAS”

“Buscou no amor o bálsamo da vida,
Não encontrou senão veneno e morte.”
(Manuel Bandeira)

Pernambucano, Manuel Bandeira nasceu em Recife, em 1886, 4 anos depois passa a residir em Petrópolis, RJ. O poeta registrou essa passagem da sua vida no poema infância. No livro *Itinerário de Pasárgada* ele destaca: “Sou natural do Recife, mas na verdade nasci para a vida consciente em Petrópolis, pois em Petrópolis datam as minhas mais velhas reminiscências. Procurei fixá-las no poema ‘infância’ (2001, p.17).” Bandeira estuda arquitetura por cinco anos, porém decide abandonar o curso, pois adoece do pulmão e mais tarde foi diagnosticado com tuberculose, doença esta que é tratada em diversos escritos e que contribui escrever sobre a morte.

Nessa passagem da vida do poeta, o estudioso Davi Arrugucci Jr, no livro “Humildade, paixão e morte: A poesia de Manuel Bandeira”, destaca que:

Um dia, no início do século, um mocinho dentuço, porém simpático, filho bem-criado de uma família tradicional de Pernambuco, veio estudar arquitetura em São Paulo. Sofreu em hemoptise e teve de deixar os estudos e os sonhos de arquiteto, sob ameaça de morte iminente. (1990, p.13)

Bandeira viveu a maior parte dos anos na capital fluminense onde, rotineiramente, ouvia alguns comentários sobre ter nascido no Recife “por acidente”. E por sentir-se incomodado com tais afirmações, o poeta retrucava que acidente foi ter deixado sua origem Recifense, duas vezes na infância, como ele mesmo pontua em seu livro autobiográfico, *Itinerário de Pasárgada* (1984):

Mas esses quatro anos, entre 6 e os 10, formaram a medula do meu ser intelectual e moral, e disso só eu mesmo posso ser o juiz. Me sinto tão automaticamente pernambucano quanto, por exemplo, Joaquim Cardozo, Mauro Mota e João Cabral de Melo. (1984, p.13)

Sobre as primeiras publicações, Bandeira pontua que seu primeiro livro viria a ser impresso no Brasil, pelo Jornal do Comércio, de grande circulação e apreço em Pernambuco, como afirma este excerto, retirado do livro *Itinerário de Pasárgada*:

A Cinza das Horas não continha tudo o que eu havia escrito até 1917, data de publicação. Fizera eu uma escolha, preferindo os poemas que me pareciam ligados pela mesma tonalidade de sentimento, pelas mesmas intenções de fatura. O sentimento ia resumido, programado por assim dizer, nos versos, já transcritos, de Maeterlinck. A fatura já não era de modelo parnasiano e sim simbolista, mas de um simbolismo não muito afastado do velho lirismo português. (1984, p.57)

Nota-se, portanto, que Bandeira mesmo sem entender bem sua escrita, fizera ele uma publicação sem intenção de começar a carreira literária, mal sabendo que entraria para a história da literatura brasileira, e que seu livro ganhava tons de afastamento das estéticas parnasianas, debruçando-se pelo simbolismo, através dos sonetos, mas já com um pé no Modernismo. Bandeira pontua, ainda, em seu *Itinerário de Pasárgada (1984)*, a felicidade de um artigo escrito por João Ribeiro, crítico literário, que lhe rasgou elogios, intitulando a sua escrita como uma “poesia nova”. Nesse sentido, notamos essa passagem do Simbolismo para um ramo literário que ainda não havia sido difundido, o Modernismo, que ganha tom somente em 1922.

Em 1917, publica o seu primeiro livro, *A Cinza das Horas*, considerado pela crítica um dos melhores de suas obras. Falece em 13 de outubro de 1968 no hospital Samaritano, em Botafogo. A escrita de Bandeira permeia entre poesia, prosa e traduções, é considerado um dos principais nomes da literatura modernista do país, ganhando respaldo por seu estilo, estética e críticas.

O poeta de *O Bicho* também se concentrava nas críticas, tanto que o poeta Carlos Drummond de Andrade organizou uma coletânea, em 1966, intitulada *Andorinha, Andorinha*, onde reúne quatro décadas da prosa do autor modernista. O livro mostra um Bandeira crítico das artes visuais, cinema, teatro, música e literatura, bem como um belo cronista para decifrar o cotidiano tão bem retratado em suas obras. Na ideia do professor da UFPE Carlos Newton, em entrevista ao jornal Diário de Pernambuco, o autor pernambucano é tão grande cronista e prosador, quanto poeta e crítico, como avalia:

Somente ficou mais conhecido como poeta por condições alheias. Foi um grande crítico de arte. Na seleção feita pelo amigo Carlos Drummond de Andrade, a crônica de Bandeira é muito vasta, pois desde os anos 1920 ele escrevia em jornais com um espectro muito vasto. São textos sobre cinema, teatro, música, artes plásticas, tudo com uma propriedade enorme. Manuel Bandeira foi um dos poeta mais cultos de toda a história da nossa literatura. O fato de Drummond ter separado em sessões temáticas, dá uma visão ampla do gênio de Bandeira. (2016, p.8)

É importante ressaltar, ainda, que a antologia organizada por Drummond ajuda a revelar, portanto, o poeta crítico, intérprete da cultura que sabia distinguir o que era permanente da literatura, do que era acidental, além de ter um estilo de escrever espontâneo, simples, com um viés sempre atual. Sobre a prosa do autor, o ensaísta e teórico Davi Arrigucci Jr, explana que:

Seu fino espírito de observação e sua inteligência crítica se casam à escrita seca e límpida, moderna e clássica a uma só vez, de grande naturalidade em sua mescla saborosa do registro informal com a linguagem culta, capaz de sínteses mais ágil e sagaz diante do mais espinhoso dos assuntos. (1990, p.139)

A poesia de Manuel Bandeira, mais que mostrar um novo olhar sobre o mundo, ela nos torna sensíveis e gratos pela partilha de uma linguagem simples, acessível, quase sempre direta, sem rodeios.

Quanto as características da obra do autor pernambucano, é importante ressaltar o estilo clássico da poesia naquele tempo. O Parnasianismo e Simbolismo ainda atuavam como marca forte na poesia brasileira, sobretudo quando se fala de Manuel Bandeira, que por muitos anos bebeu da fonte dessas escolas literárias, porém, faz-se necessário entender que apesar de ter se formado nas referências literárias tais escolas, Bandeira não mostrou preocupação em se adequar à esta ou aquela corrente. Se em *A Cinza das Horas*, o autor demonstra certa influência do lirismo do Parnasianismo e Simbolismo, por outro lado, o Modernismo vem carregado em sua essência com uma visão crítica e uma produção significativa escrita em prosa.

Nesse sentido, *O Bicho* (1947) traz o autor em uma visão crítica da sociedade em que estava inserido, é um registro real da miséria humana.

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

Ao analisarmos o poema, nota-se, portanto, um Bandeira diferente dos textos de caráter Simbolista, e traz à tona o lado modernista do poeta, com grande enfoque na realidade social, típica da sociedade brasileira da década de 1940. A poesia, nesse sentido, é encarada como forma de protesto, bem comum aos escritores da época haja vista uma das características de estilo, que foi o compromisso social.

No que chama atenção da diversidade de estilo da poesia bandeiriana, Rosenbaum (2002) pontua que: “O estudo da obra de Manuel Bandeira impõe-nos,

de imediato, um espaço configurado por várias vertentes estilísticas: parnasianismo, simbolismo, penumbrismo, as vanguardas europeias e o modernismo brasileiro” (p.23). Costuma-se dizer que os primeiros livros de Bandeira estão ainda fortemente marcados pelas estéticas parnasiana e simbolista, como é o caso de *A Cinza das Horas* (1917), e a ruptura para um estilo moderno, é apresentado em *Libertinagem* (1930), onde ele pontua: “Não quero mais saber do lirismo que não é libertação”.

Nesse viés parnasiano-simbolista, Bandeira escreveu o poema *Os Sapos*, declamado na semana de Arte Moderna de 22 por Ronald de Carvalho, poema no qual o poeta critica com veemência a estética parnasiana, caracterizada pelo rigor formal (metrificação e rima) culto à beleza e objetividade. Segue um trecho do poema *Os Sapos*, retirado livro *Libertinagem* (1930) onde o autor pontua alguns traços da escola crítica e que já bebeu desta água.

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra. (p.32)

Note que Manuel Bandeira zomba do estilo de fazer dos poetas parnasianos, e o cuidado formal, presente nestes versos, pode ser tido como uma possível ironia. A seguir, o pernambucano menciona o tempo de existência do Parnasianismo, o poeta critica a estrutura dos poemas da escola, reduzindo-a, apenas, a uma única estrutura, o que limitaria a criação poética dos autores.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Ainda nesta perspectiva, algumas características da obra do autor envolvem “uma fusão entre a confissão pessoal e a vida cotidiana” (GONZAGA, 2009 p. 307), ou seja, em sua poesia há um tom irônico, uma musicalidade inconfundível e uma autobiografia fácil de ser percebida por meio de temas como infância e morte. Outro ponto importante do estilo do autor, é o verso livre, que é aquele que não se submete às regras de contagem de sílabas. Trazer à tona essa característica em suas obras é questionar a métrica parnasiana e fazer com que os poetas simbolistas reflitam sobre os costumes da estética do parnasianismo. Desde os primeiros livros, ainda com um forte viés parnasiano-simbolista, o poeta já apresentava traços claros de culto à morte,

identificando, assim, em toda sua produção estética, familiaridade com o tema, ora tratado do milagre da morte, ora vinculada paradoxalmente à vida, mas isso, trataremos em outro capítulo deste trabalho.

No que diz respeito a libertação da estética do parnasianismo e simbolismo para traços modernistas, Cavalcanti pontua:

O início da produção poética de Manuel Bandeira foi marcado pela estética parnasiano-simbolista, que usava da linguagem de estilo elevado e das metáforas penumbriadas para se expressar. Logo após *A cinza das horas*, com seu livro *Carnaval* (1919), já percebemos, em Manuel Bandeira, um processo de libertação de sua herança parnasiano-simbolista. O poeta, então, rompe com o cânone tradicional, principalmente revelado pelo poema "Os sapos" que seria exaltado pelos artistas e intelectuais participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, caracterizado pela irreverência e o ataque ao passadismo dos artistas de então. (CAVALCANTI, 1990, p.01)

A exemplo do que Cavalcanti (1990) observa, Bandeira assume uma nova estética, com vocabulário recheado de palavras antes não usadas, em virtude da estética antes seguida, como é o caso do trecho retirado do poema *Terça-feira gorda*:

Iam em cima, empoleiradas, mulheres de má vida,
De peitos enormes – Vênus para caixeiros.
Figuravam deusas – deusa disto, deusa daquilo,
já tontas e seminuas.
(BANDEIRA, 1993 p.100).

O poeta introduz as formas da poesia moderna depois de uma longa prática da tradição parnasiano-simbolista, recebe o legado da poesia simbolista no final do século XIX. Praticou as formas modernas com bastante radicalidade, e, por muitas vezes, voltou aos versos tradicionais e à poesia concreta. No fragmento acima vê-se a presença de mulheres que, socialmente, seriam consideradas escória, no entanto, em ambientes de satisfação masculina elas representam papéis que, na verdade, é para satisfação dos companheiros e para ganhar a subsistência, então, muitas vezes, é preciso estarem tontas para poder se deixarem levar nesses momentos, mesmo que o sofrimento venha depois.

É importante assinalar que ao se afastar da estética de correntes anteriores, Bandeira leva adiante, com os versos livres, a ideia da musicalidade e do ritmo de alguns poetas brasileiros. Nesse sentido, a estética modernista de Manuel Bandeira é bastante estudada pela crítica desde a Semana de Arte Moderna, quando o poeta escreveu *Os Sapos*, (1922) que critica os aspectos parnasianos, embora, por diversas vezes, tenha bebido dessa fonte.

O trecho a seguir faz alusão aos poetas modernos que aspiram por liberdade e reivindicam a simplicidade da linguagem cotidiana. Para Bandeira, o sapo-cururu traz uma opinião divergente dos outros sapos, como no excerto seguinte:

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancionero
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

[...]

Sapo-cururu
Da beira do rio
Quando o sapo canta, Ó maninha,
É que sente frio.
A mulher do sapo
Deve estar lá dentro
Fazendo rendinha, Ó maninha,
Para o casamento
(1930, p.32)

O modernismo no Brasil ganhou um viés para além da reivindicação das mazelas que aconteciam/acontecem no país, o movimento tornou-se liberto para escrita de temas nunca debatidos, e sobretudo, ressignificar perspectivas do cotidiano. O poema é construído a partir de redondilhas menores e tem uma intensa carga de ironia, também se percebe um ritmo natural que acompanha todo texto. O poema traz a paródia do canto popular e refina a perspectiva de crítica em relação a formalidade da linguagem parnasiana.

Não podemos adentrar na perspectiva do poeta no modernismo, sem antes recordarmos o que foi o Modernismo no Brasil. O período literário eclodiu com a Revolução Industrial da Inglaterra, no século XX, quando a mesma, aqui no Brasil, foi fruto de uma outra grande revolução: a revolução de 30, em que Getúlio Vargas foi eleito então presidente e a burguesia industrial define um novo rumo para a economia do país, ocorrendo então, o processo de industrialização.

Com esse advento, a cultura e a arte sofrem influências, abre-se novas perspectivas e diversas transformações sociais. Nesse sentido, os poetas e outros artistas, lutaram por uma literatura genuinamente nacional, que se baseou na livre criação, é nesse viés que se destaca Manuel Bandeira. Os autores da Era Modernista tinham como principal objetivo resgatar a cultura brasileira, até então, havia apenas o prelúdio nos moldes do estrangeiro. Só em 1922 acontece a Semana de Arte Moderna, a qual reúne vários artistas, como escritores, pintores, compositores, entre outros, tinham um único objetivo: o rompimento com os moldes conservadores antes difundidos, refazendo, assim, uma literatura mais aberta, como exemplo, o verso livre do pernambucano, centro dessa difusão.

Nesse viés moderno, um exemplo atenuante da estética modernista do poeta, é o poema *Poética*, onde percebe-se uma crítica acentuada ao lirismo exagerado, incorporado do Romantismo, quanto às formas fixas do parnasianismo, como os sonetos, ambas criticadas pelo autor. Vejamos:

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e
manifestações de apreço ao Sr. diretor
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de
um vocábulo
Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem
modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Escrita quase como uma espécie de manifesto em versos, em *Poética*, Bandeira nega uma composição mais rígida, onde deve-se cumprir regras rigorosas e, por outro lado, celebra os versos livres, a forma natural para a poesia do cotidiano, a linguagem informal e a sensação de liberdade experimentada pelos autores dessa época.

Ademais, nota-se, ainda, na estética moderna, uma aproximação entre a língua falada e escrita, caracterizando certo coloquialismo na escrita. Nesse viés, uma das características de todo o modernismo brasileiro é a tendência de recuperar a cultura popular do país, tradicionalmente excluída pelo conceito de cultura elitista das classes mais favorecidas.

Antes do modernismo, o que havia no país era a separação entre o erudito e o popular, o certo e o errado, o justo e o injusto. Os modernistas passaram a valorizar a tradição popular e incorporar em sua estética traços ligados a tal perspectiva. Nesse sentido, nomes como Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, foram precursores em valorizar a simplicidade da cultura em sua fase modernista, deixando de lado a estética clássica parnasiana-simbolista. Dessa forma, Bandeira é quem assume a nova estética, criando bastante respaldo na literatura nacional, como afirma Sérgio Buarque de Holanda:

Desde *A cinza das horas*, publicado em 1917, Manuel Bandeira perturba nosso concerto literário. Dois anos depois, em *Carnaval*, sua voz faz-se satirizante com 'Os sapos', poema que seria uma espécie de hino nacional dos modernistas. Quando esses surgem, por volta de 1921, já lá encontram o poeta em seu perau profundo. Muitos procuram afinar a voz pela dele e todos lhe reconhecem o mérito da primazia. (1980, p.42)

Ainda em tons modernos, Bandeira foi o primeiro autor brasileiro a trabalhar em suas obras com os versos livres, dando notoriedade a liberdade de escrita de cada poeta. Nesse sentido, como um bom crítico literário que era, o poeta identificava a essência e estilo de cada autor em suas vastas produções literárias, como é o caso dos seus conterrâneos Olegário Marianno e João Cabral de Melo Neto. O primeiro, Manuel Bandeira identificou a musicalidade nos versos, revelando assim, um dos grandes trunfos do recifense, e pontuou: "O verso livre iria, sem dúvida, prejudicar o caráter sensivelmente melódico da sua música". Em outro tom, o pernambucano

questiona se é possível ensinar alguém a produzir versos metrificados, e comenta em fazer tal experimento de forma curiosa: “Uma vez achei um aluno, e que aluno: ninguém menos que João Cabral de Melo Neto, grande poeta sem esse dom especial de ouvido. A experiência ficou, infelizmente, na primeira lição. (1985, p.32) ”

Não seguir um padrão de métrica definido, torna Manuel um poeta que consegue romper com a ideia de que a literatura deve obedecer a padrões gramaticais e se aproxima do leitor com uma linguagem simples e direta, características estas, presentes em seus livros, desde *A Cinza das Horas* (1917).

1.1 RELAÇÃO INTRÍSECA COM A MORTE

*“-Tudo é milagre. Tudo, menos a morte.”
(Manuel Bandeira, Preparação para a morte.)*

Falar sobre a morte, em seu sentido literal, é algo visceral e requer um trabalho minucioso, principalmente no que tange à obra de Manuel Bandeira. A morte é inerente aos seres vivos, à medida que ela pode nos surpreender, seja como algo repentino ou como algo demasiadamente esperado, pois, é a única certeza que o ser humano tem enquanto vida, seja ela comentada ou tida como um tabu visto no corpo social. A morte pode ser uma linha, um parágrafo ou uma coletânea de livros, depende do sentimento de finitude de cada um. Sobre os ritos da morte, Rodrigues (2006) pontua que:

Os ritos da morte comunicam, assimilam e expulsam o impacto que provoca o fantasma do aniquilamento. Os funerais são ao mesmo tempo, em todas as sociedades-uma crise, um drama e sua solução: em geral, uma transição do desespero e da angústia ao consolo e à esperança. (p. 20- 21)

Faz-se necessário buscar outro viés do termo morte; recorrendo ao dicionário para uma definição mais conceituada, como é o caso do Aurélio: [do lat. *morte*] **S.f.** 1. Ato de morrer; o fim da vida animal e vegetal. 2. Termo, fim. 3. Destruição, ruína. 4.*Fig.* Grande dor; pesar profundo. (AURÉLIO, 1999, p.1369):

Percebe-se, então, que a morte é tida como algo que irá acontecer, que é intrinsecamente ligada à condição de vida dos seres humanos e a toda subjetividade que vem por traz de termo. É inquestionável que a morte um dia chega para todos, mas esperá-la desde os seus 18 anos é algo, no mínimo, curioso e incomum, mas foi isto que o poeta pernambucano, Manuel Bandeira, fez. Tuberculoso desde a maior

idade, a doença o acompanhou durante toda a sua trajetória e está presente em grande parte da sua obra, ora como um mero apêndice temático, ora como o tema principal de sua criação. É importante ressaltar que o tema morte se faz presente na literatura brasileira desde o romantismo, muitas vezes relacionado à biografia de alguns autores da época.

A poética de Manuel Bandeira trata dos fatos mais complexos e mais singelos da sua realidade, revelados em uma linguagem simples e de fácil acesso para todos os leitores, e é, por isso, que Bandeira foi um dos autores mais lidos da sua época. Faz-se necessário ressaltar que o viés temático da poesia relacionado ao tema morte, não traz apenas a questão vivida pela doença, mas sim, algumas alusões poéticas para falar dos seus amigos de outrora e até mesmo da vida boemia que Bandeira levava no Rio de Janeiro.

Destaca-se, ainda, a relação de polifonia que sua poesia tem, pois, segundo Bakhtin (1929) é a presença de outros textos dentro de um texto, causada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores. Neste sentido, especula-se que a morte na poética de Bandeira tem um caráter polifônico, pois muitas vezes é apresentada ressoando vozes do próprio poeta e de autores por ele lidos, como exemplo, seu poema *A Mário de Andrade Ausente* (1980), no trecho:

Sei bem que ela virá
(Pela força persuasiva do tempo).
Virá súbito um dia,
Inadvertida para os demais:
Por exemplo assim:
À mesa conversação de uma coisa e outra.
Uma palavra lançada à toa
Baterá na franja dos lutos de sangue,
Alguém perguntará em que estou pensando,
Sorrirei sem dizer que e você
Profundamente. (p.197)

Mário de Andrade morreu, porém Bandeira ecoa a voz do amigo no texto no plano subjetivo, o poeta ressignifica as “duas vozes” a do eu poético e a do amigo, caracterizando, assim, um tipo de polifonia textual, exprimindo assim, um caráter polifônico.

A polifonia se revela a partir do cruzamento de vozes controversas no interior textual bem como pela existência de outras obras (vozes) ao longo do discurso, ou

seja, pode ser a revelação de falas, posições, olhares em um determinado contexto. Ainda pode-se dizer que apresenta o eu/outro no discurso.

Enfatizamos que não objetivo do trabalho o estudo da polifonia, até porque é um assunto bastante complexo e precisa de uma atenção duradora e profunda uma vez que concordamos com Faraco que, ao comentar a obra de Bakhtin afirma que a polifonia é: “certamente, um dos temas mais difíceis do seu pensamento” (FARACO, 2009b, p. 48) e que o pensador russo usa para analisar a obra de Dostoiévski, estudo que gerou uma das obras mais famosas do crítico russo, *Problemas da poética de Dostoiévski*. Nesse contexto, muitos poemas de Bandeira podem ser vistos por esse ângulo a exemplo de *os Sapos* e alguns poemas infantis como *Trem de ferro* e *Meninos carvoeiros*. Tais aspectos também se revelam nos poemas bandeirianos em que ele se refere a autores, compositores entre outros, como se pode observar no livro *Carnaval (1919)*, no poema *Epílogo* em que o poeta lembra a obra de Robert Schumann, compositor romântico alemão:

Eu quis um dia, como Schumann, compor
Um carnaval todo subjetivo:
Um carnaval em que o só motivo
Fosse o meu próprio ser interior...
Quando o acabei — a diferença que havia!
O de Schumann é um poema cheio de amor,
E de frescura, e de mocidade...
E o meu tinha a morta mortacor
Da senilidade e da amargura...
— O meu carnaval sem nenhuma alegria!...

O fazer poético de Manuel Bandeira também abraça a perspectiva que o autor dá aos seus temas preferidos, com caráter de erotismo, passagens do cotidiano de sua vida e de sua maior solicitude: a morte e os seus prenúncios. Ao destacar tanto o aspecto da morte em seus poemas, o pernambucano exprime outros sentidos para ela, revelando certo tom de aprendizagem, como bem pontua Rosenbaum:

Há, certamente, uma aprendizagem da morte, na qual o poeta recolhe sabiamente o que de mais essencial —a vida madrasta lhe ensinou. Esse aprendizado da finitude — um dos alicerces da poesia bandeiriana — reflete as

marcas de uma atitude madura de reflexão e compreensão fundas do sentido da existência (ROSENBAUM, 2002, p.76).

Percebe-se, pois nas obras do poeta, uma experiência intrínseca e magistral com a morte, uma aprendizagem que vai da finitude ao ressentimento, da evocação ao lamento, emergindo, assim, em um nível de maturidade único em toda sua poética. E Rosenbaum afirma que:

Ao atingir tal nível de maturidade tanto pessoal quanto poética, Bandeira consegue configurar o ausente, tudo o que foi perdido, fazendo-o ressurgir no seu espaço literário, ou seja, o poeta toma posse dos sinais deixados por entes queridos, resgatando a vida, pela exaltação da morte. (ROSENBAUM, 2002, p.23).

Nenhum poeta teve uma relação com a morte tão íntima quanto Manuel Bandeira, tão significativa em sua vida pessoal a ponto de externar para suas obras tudo aquilo que sentia desde os 18 anos. De acordo com Junqueira, não é difícil de compreender o significado real que perpassa o tema da morte na poesia bandeiriana:

Sem dúvida, a intimidade de Bandeira com a morte tornara-se então absoluta, e o poeta ocupa-se agora em aprender todas as manhãs' as lições de partir' que lhe dá o aeroporto em frente. Em seus derradeiros poemas dedicados ao tema, a autor chega mesmo a revelar certa impaciência ante a demora daquela que, sem o saber, já se havia tornado a desejada' das gentes. Seja porque viveu morrendo, ou porque, morrendo, viveu... (JUNQUEIRA, 2003 p.285).

Essa relação que destaca Junqueira é de fundamental importância para entendermos o caráter de todo o estilo de escrever, ao analisarmos, em breve, seus escritos que fazem relação com a temática, pois a morte em si, na estética bandeiriana, é tão variada e de uma subjetividade visceral que, por vezes, o eu lírico a recebe como um fato natural, ora como um milagre. Nesse sentido, "*Preparação para a morte*", texto este que abordaremos ao decorrer do trabalho, o eu lírico aceita a morte e a considera bendita, abordando o milagre de viver, trazendo, assim, diversos aspectos como a natureza e o tempo.

Tudo é milagre
Tudo, menos a morte.
-Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.

A morte traz uma experiência particular, historicamente determinada à vida do ser humano, e analisar tal temática na obra de Bandeira, é adentrar um pouco sobre sua longa vida sempre por um fio, sob ameaça de uma doença fatal. Esse aspecto de vida provisória que o poeta passou, é algo tão íntimo que podemos nos debruçar sobre seus escritos, como pontua Andrade:

Nada se parece mais com Manuel Bandeira que a sua poesia. —O homem não é no seu caso o outro lado da sua arte, como sucede com Augusto Frederico Schmidt, que a gente lê espantado, sem encontrar um jeito de ligar a poesia com o seu autor. Manuel Bandeira foi, portanto, o contrário de Fernando Pessoa, para quem "o poeta é um fingidor. (ANDRADE, 1936, p.105).

Nesse sentido, é interessante observar que poucos poetas brasileiros conseguiram uma relação tão íntima com a morte quanto Manuel Bandeira, o autor fez do seu intenso convívio uma caminhada árdua, porém singular que perpassa por seus livros.

1.2 O “MOTE” DA ESCRITA-EPITÁFIO BANDEIRIANA

*“A vida inteira que podia ter sido e que não foi”
(Manuel Bandeira, Pneumotórax)*

Na escrita-epitáfio bandeiriana, os mortos têm suas “vozes” reservadas no espaço poético do texto do autor, sendo em homenagens ou referências daqueles que já partiram, seja na forma de um cenário do cotidiano intrinsecamente ligado ao passado/presente ou em lembranças. Nesse viés, tal escrita se faz presente de maneira quase que pessoal na obra do autor. A palavra epitáfio no dicionário, do latim, significa (origem da palavra **epitáfio**). Do latim epitaphius.ii, segundo o dicionário Houaiss. Seguindo a própria referência, na análise literária, a palavra é designada como “tipo de poesia que expressa um lamento pela morte de alguém; poesia que satiriza alguém vivo como se ele estivesse morto”.

Ainda podemos ter epitáfio como as frases feitas sobre os túmulos e lápides dos mortos para homenagear aqueles que já se foram. Além disso, tais frases revelam-se como uma poética e se relaciona com Bandeira referente aos traços relacionados à morte no sentido inspirador que o tema provoca nos textos do poeta. Por conseguinte, é possível analisar as mudanças que textos relacionados ao tema morte passam desde as escritas fúnebres nos túmulos, como já mencionado, até a poesia moderna. Ainda nessa linha de pensamento, Lopes e Gomes (2015) afirmam que:

Como uma das decorrências da mudança gradual na percepção sobre a morte, vista como algo familiar e domesticado no mundo medieval e maldita na concepção moderna, temos o desuso do epitáfio como uma das diversas tipologias em que se era possível classificar os gêneros poéticos. Mesmo

assim, o epitáfio pode ainda mostrar-se como fonte de informações de substancial interesse tanto histórico, geográfico, cultural, como literário. (2015, p.162)

A escrita-epitáfio se faz presente na literatura brasileira desde muito tempo até os poetas modernistas, exemplo disso é o poema “Minha Morte Nasceu”, publicado no livro *A Rua dos Cataventos (1940)* de Mário Quintana, onde o autor traz um soneto que fala sobre a morte e rompe um caráter pessimista que o tema provoca e a descreve como uma amiga, que sempre tem lembranças, como na última estrofe:

[...]
E as horas lá se vão, loucas e tristes...
Mas é tão bom, em meio às horas todas,
Pensar em ti, saber que tu existes! (p.37)

Nos mais diversos gêneros que se ligam à poesia, destacamos a música, que se faz presente na relação sujeito e o sentido de viver. Podemos verificar na letra da música *Epitáfio* da banda de rock Titãs, um eu-lírico que se pergunta se realmente ele deu valor as coisas simples da vida ao se deparar com a morte.

Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer (...)
Devia ter complicado menos
Ter trabalhado menos
E visto o sol se pôr. (2002)

Sendo assim, passando para a escrita de Manuel Bandeira, a morte como característica da ausência nos remete também, a escrita-epitáfio, principalmente quando o autor lembra dos amigos que já se foram, como Mário de Andrade e Ovalle, este último rendeu um poema homônimo que compõe o livro *Estrela da Tarde*.

Estavas bem mudado
Como se tivesses posto aquelas barbas brancas
Para entrar com maior decoro a Eternidade

Nada de nós te interessava agora
Calavas sereno e grave
Como no fundo foste sempre
Sob as fantasias verbais enormes
Que faziam rir os teus amigos e
Punham bondade no coração dos maus

O padre orava:
- "O coro de todos os anjos te receba..."
Pensei comigo:

Cantando Estrela brilhante
Lá do alto-mar!...

Levamos-te cansado ao teu último endereço
Vi com prazer
Que um dia afinal seremos vizinhos
Conversaremos longamente
De sepultura a sepultura
No silêncio das madrugadas
Quando o orvalho pingar sem ruído
E o luar for uma coisa só. (1974, p.316)

O amigo pessoal de Bandeira, Jaime de Ovalle, foi poeta e compositor, produziu músicas com letras de Manuel Bandeira como “Azulão” e “Berimbau”. Ovalle está presente em várias faces da escrita-epitáfio de poeta, seja na poesia ou na prosa, como em crônicas publicadas em *Províncias do Brasil*.

É importante notar na última estrofe que o poeta menciona com prazer que serão vizinhos, ou seja, Bandeira já ressoa sua própria morte quando diz “seremos vizinhos”. Notamos, nesse sentido, que a escrita-epitáfio neste verso é um epitáfio já antecipado do próprio autor, onde ele observa claramente ser o fim de todos os humanos, que a “indesejada das gentes” chegue, cuja perspectiva nesse mote é revelar uma intimidade com o tema de forma profunda e poética intrinsecamente ligados a amizade com Ovalle.

2 AS FACES DA MORTE NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA

“-Eu faço versos como quem morre.”
(Manuel Bandeira, *Desencanto*.)

Muito se tem abordado sobre a temática da morte na poesia de Bandeira, visto que é na poesia que o autor resplandece toda a sua poética, mas não só. O poeta aborda magistralmente o cotidiano, as pessoas, sua família e origens, de modo que, também consegue expressão na prosa. Lá, também o tema da morte se torna um viés importante para falar de personagens boêmios das noites cariocas da sua época ou de amigos importantes com que conviveu.

O lirismo do autor através da linguagem poética revela sentimentos comuns como o transcorrer da vida “que poderia ter sido e que não foi”. A criação poética de Bandeira além de tratar de fatos singelos do dia a dia, celebra a vida, e, paradoxalmente, confronta à morte, tema este que é um vasto de possibilidades em suas obras.

A escolha dos poemas para análise não segue, necessariamente, um tempo cronológico do autor, nem uma sequência evolutiva do tema da morte no amadurecimento poético do autor. O que pretende identificar e analisar a singularidade do tema, delimitado por poemas de diferentes livros do autor que retratam tal temática. A linguagem poética que se pretende analisar segue traços do itinerário autoral sobre a morte, o caráter polifônico que os textos possuem e a escrita-epitáfio, tentando observar como se revela as perspectivas em relação à “indesejada das horas”.

Em seus primeiros livros, Bandeira traz um viés da morte com caráter avassalador, que se traduz em tristeza, desalento, desencanto, como é o caso dos livros, *A Cinza das Horas*, *O Carnaval* e *O Ritmo Dissoluto*. No que tange sua produção a partir de 1930, com *Libertinagem*, *A Estrela da Manhã* e *Lira dos Cinquent’anos*, percebemos um poeta com olhar de finitude, de provisório com um viés mais profundo sobre a temática.

A experiência pessoal do poeta na sua convivência com a morte, como já mencionado, é um dos temas mais abordados pelos estudiosos. Um aspecto importante de perceber na obra bandeiriana que trata a morte como tema central, é que tem um limite narrativo com a prosa poética. O poema “Consoada”, publicado no

livro *Opus 10* (1952), destaca um eu-lírico próximo de um narrador daquilo que está fora de si, porém com traços fixos no *eu*.

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
– Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar
(BANDEIRA, 2009, p. 208).

Notamos nesse poema que o eu-lírico narra seu estado de fragilidade pela chegada incontestável de uma visita indesejada, porém, já esperada. Uma dúvida adentra o poema, (“dura ou caroável”) e sobre qual sentimento tomará conta de si quando ela chegar (“o terror ou a alegria”). Percebe-se também, que ao utilizar um advérbio “quando” logo no início do texto, Bandeira proporciona ao leitor uma tensão de quando ela irá chegar, mesmo que essa espera, neste caso, seja algo inevitável. Embora o eu poético esteja preparado, ele é visivelmente perturbado pela certeza de que ela virá, todavia, ele não foge, afinal, a morte é iniludível.

Por mais que saibamos que o tema central do poema é a morte, o autor não utiliza em nenhum momento a palavra ou faz qualquer referência direta, fica subentendido nas entrelinhas dos versos. Destaco, ainda, a resignação do eu-lírico ao recebê-la com uma consoada, ou seja, uma ceia de natal. O gancho para decifrar quem é a “indesejada das gentes” está no quarto verso (“- Alô, iniludível!”), logo, um leitor da obra de Bandeira rapidamente entenderia o tema recorrente e principiador da sua obra.

O lirismo bandeiriano se faz presente nesse eu que fala da “indesejada das gentes” no coletivo. Nota-se que a angústia e o enfrentamento da finitude não são singulares, é plural, todos nós iremos passar por esse encontro indesejado e indubitável. O “estilo humilde” que Arrigucci Jr. pontua em Bandeira, é esse lirismo que parte do si para os outros, ele “abandona o ‘gosto cabotino da tristeza’, deixa de

bancar o ser de exceção, marcado para o sofrimento, para se generalizar na forma poética, evadindo-se para o mundo e a vida” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 12). A indesejada para Bandeira é invocada, convidada e convivida durante toda sua trajetória poética/pessoal, do eu para dentro e para fora.

Pode-se dizer, então, que o tema morte relacionado ao autor é um paradoxo indivisível, pois o poeta consegue fazer um diálogo ora por pensamentos melancólicos, anos quais a doença o interrompe a alegria de viver, pois mesmo em vida, a impede de fazer coisas que tanto queria, ora, por acreditar que a morte é uma libertação ou até mesmo a companheira de todas as horas. O poema a seguir, não é o primeiro que o autor trata do tema, porém, expressa bem a relação que ele teve com a chegada desse perecimento:

2.1 PREPARAÇÃO PARA A MORTE

A vida é um milagre.
Cada flor,
Com sua forma, sua cor, seu aroma,
Cada flor é um milagre.
Cada pássaro,
Com sua plumagem, seu voo, seu canto,
Cada pássaro é um milagre.
O espaço, infinito,
O espaço é um milagre.
A memória é um milagre.
A consciência é um milagre.
Tudo é milagre.
Tudo, menos a morte.
— Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres. (p.268)

“Preparação para a morte” foi publicado no livro *Estrela da tarde*, (1960) e muitas pessoas, no tempo em que essa obra foi escrita e publicada, foram vítimas da tuberculose e morreram cedo devido à doença. Bandeira, como dito, a descobriu cedo e só morreu décadas depois. Contudo, a ideia de ser doente gerava uma grande expectativa em torno da morte, da dúvida, e claro, do medo, pois, era um constante saber que a indesejada poderia chegar a qualquer momento.

A princípio, o poema em questão traz uma nostalgia do eu poético, ao observar as coisas mais simples do mundo, como a natureza e o que a cerca, até mesmo o espaço em que vivemos, como é citado. Porém, se depara com o que o assombra

desde os 18 anos, e acredita que tudo pode ser um milagre, menos a morte. Essa inconstância circula a vida do autor e toda sua obra, tanto é, que ele mescla vida e morte no mesmo texto.

Percebe-se, que o poeta traz várias fases de um milagre, a começar pelo milagre-vida, que é o milagre maior; Bandeira utiliza a definição de uma flor, seu aroma e cor, na intenção de habitar aquele lugar íntimo, mínimo. Quando o eu lírico cita o pássaro, acredita-se que o mesmo queria alçar voos, que no momento, por algum motivo não o poderia. É interessante observar que o pássaro remete ao próprio eu poético que, de certa forma, se encontra preso por não poder aproveitar melhor a vida que lhe resta em virtude da doença. A tuberculose até pouco tempo era um mal que limitava a vida das pessoas bem como isolava os doentes da convivência com outras pessoas.

Vê-se, pois, que Manuel Bandeira usa duas classes neste poema: o impossível e a vida, onde o milagre seria o dom de viver para sempre ou até mesmo poder não morrer pela tuberculose que o cerca. Contudo, destaca-se que a morte, recorrente nessa análise, é o contrário do milagre-vida, citado nos primeiros versos do poema, pois a morte traça as linhas da vida, em movimentos tênues, apontando os limites de viver. Nesse viés, Maurício Silva (1988), estudioso do tema na poesia do autor, acredita que, além de muito importante para toda a literatura brasileira, o tema morte é muito relevante para toda a obra de Bandeira, pois traz um caráter autobiográfico do autor, como também, um conteúdo e um argumento, muito importante para que outros autores debruçem nessa essência. Nesse sentido, Silva aponta que:

Em qualquer análise que se faça da obra poética de Bandeira, a morte aparecerá inevitavelmente como um dos motivos privilegiados pelo artista, sem o qual é de se acreditar que sua poesia perderia muito em emotividade e originalidade. Daí termos sugeridos que este é, em dúvida alguma, um tema recorrente em toda a sua produção poética. (SILVA, 1998, p.145)

É importante que a poesia do pernambucano dialogue com a teoria literária – nesse sentido, Bandeira ficou conhecido pela crítica, por apresentar versos livres em suas obras, ou seja, os versos não precisam ser rimados. Outra característica que está presente no poema acima, é a gradação, onde determinadas ideias são apresentadas de forma crescente ou decrescente, como cita Goldstein.

Nos textos comuns, não-literários, o autor seleciona e combina as palavras geralmente pela sua significação. Na elaboração do texto literário, ocorre uma outra operação, tão importante quanto a primeira: a seleção e a combinação

de palavras se fazem muitas vezes por parentesco sonoro. (GOLDSTEIN, 2004, p.01)

A gradação é bastante usada nesse poema de Bandeira, à medida que o texto poético forma-conteúdo são indissociáveis. Percebe-se que o autor usa de repetições (cada) e de sonoridades para dar o sentido de gradação, o tempo passar, a morte chegar. A repetição e a enumeração das coisas enfatizam essa ideia da passagem do tempo e da espera pela morte neste poema, haja vista, a gradação é caracterizada por ser contínua, pouco a pouco, como a morte, que chega aos poucos para o poeta.

Outro viés importante que está presente na maioria dos textos literários, em especial, na poesia, é o ritmo. Ele faz parte desse gênero textual e é com muita facilidade que pode ser percebido devido a vários critérios, entre eles, o poema é feito para ser falado, recitado, daí a grande importância do ritmo. Em “*Preparação para a Morte*”, notamos que o ritmo, talvez fúnebre, é feito com a marcação (cada... cada... cada... espaço... espaço... tudo... tudo.), nota-se, então, a musicalidade que ilustra no sentido literal, a preparação para a morte.

Essa vida provisória também é destaque no texto, a começar pelo título, onde o autor vive essa constante preparação/aguado para a morte. Nesse sentido, o poeta vive com essa inconstância que é retratada em suas obras a partir do momento em que ele precisa se internar em um Sanatório, para tentar curar-se da tuberculose, e precisa abdicar de seus interesses pessoais, como ser arquiteto, por exemplo, para tratar-se da doença. A forma com que Bandeira naturaliza a morte é inédito na poesia, pois, o poeta traz para perto a temática que todos querem bem longe, como no poema acima, se a ideia é preparar para a morte, o eu-lírico a naturaliza.

2.2 DESENCANTO

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca,
Assim dos lábios a vida corre,

Deixando um acre sabor na boca.
— Eu faço versos como quem morre. (p.04)

Não é o objetivo deste trabalho apresentar uma análise semiótica dos textos de Bandeira, de qualquer forma, é importante nos ater as perspectivas gramaticais, lexicais, simétricas ou não, do poema *Desencanto*. Ao longo dos seus escritos, o poeta escreveu vários textos que podem ser considerados “poéticos”, que nesse sentido, trata do “fazer a própria poesia”, por vezes dizendo como a poesia deve ser, outras, para que serve.

A Cinza das Horas (1917) é o livro de estreia do poeta e é repleto de lirismo melancólico, traz temas relevantes para este trabalho como a melancolia, tristeza e a espera pela morte, que é o tema base de todo poema. Com base no corpo do texto, o poema é regular, pois obedece a regras clássicas estabelecidas pela métrica; é um texto de 3 estrofes com versos de 9 sílabas poéticas rítmicos pares com esquemas ABAB, chamados de cruzadas.

A musicalidade é uma sugestão de ritmo dentro do texto, podendo partir até mesmo diante do título, nota-se então, que o ritmo, no caso do poema analisado é ligado a perspectivas fúnebres com a harmonização de elementos ligados ao sentimento do eu poético. Seguindo nesses aspectos, é importante destacar que a simetria e assimetria dos textos poéticos começam a ser desconsideradas por poetas do nosso século. Bandeira por sua vez, no que tange essa poesia, preza pela regularidade e todo o seu texto é simétrico.

Com relação ao nível lexical, é necessário destacar a linguagem culta que o pernambucano utiliza para compor o poema. Já no nível sintático, ocorre a mesma construção sintática como um todo, com períodos curtos com combinações de adjetivos que representam a mesma ideia, como exemplo de desencanto, desalento e pranto.

Cabe lembrar, também, que vários poemas do autor são considerados metapoemas, pois tratam de fazer poético, exemplo de “*Desencanto*”, que é um metapoema e descreve o fazer poético como subterfúgios para uma válvula de escape para essa constante espera da morte. É um texto descritivo, pois descreve a poesia do autor, como cita Fiorin: “Uma das características do texto descritivo poderia ser a

manifestação de apenas um dos estados do nível narrativo (o inicial ou o final) e não da transformação poética (passagem de um estado a outro) ...” (FIORIN,2005. p.46)

A partir do próprio título, *Desencanto*, de acordo com o dicionário Houaiss, significa “estado de daquele que se decepcionou, que perdeu as ilusões” nota-se que o eu lírico já está sem esperanças de viver, uma vez que desencanto é o estado sujeito que o poeta vive. A princípio, na primeira quadra pode ser visto como a apresentação do tempo, há uma junção tanto do estado de espírito que ele vive, imerso em uma doença que pode lhe tirar a vida a qualquer momento, como no próprio processo de criação do poeta, quando ele se refere no excerto (eu faço versos como quem chora).

Na segunda estrofe, é perceptível que a desilusão acerca da vida o persegue e paira por seus dias, pois a tristeza em que o poeta vive é tão presente que não pode ser internalizada de outra forma, a não ser por sua escrita. Bandeira lista no 5º e 6º versos coisas comparadas aos versos do eu-lírico que podem, por ventura, em consonância do último verso, serem comparadas à morte, tais como: volúpia, sangue, tristeza, remorso e ardente.

A terceira estrofe é a conclusão, a mais significativa, quando se trata de doença/morte/espera. Como já foi citado, Bandeira aguarda a morte desde a maior idade quando descobriu ser tuberculoso; quando ele cita (e nesses versos de angústia rouca) e deixando um acre sabor na boca) são as reações que a doença traz para quem vive com a tuberculose. É primoroso como o poeta toca o leitor de tal forma, que o leitor parece a sentir a mesma dor do eu poético. *Desencanto*, na performance citada no começo do texto, foi a última a ser interpretada e é o segundo poema que será analisado neste trabalho.

Ainda no que tange a última estrofe, o símbolo “acre” nos permite associar a versos que são sangue, com a constante presença da morte. Se depreendermos ao vocábulo em questão, como figura sinestésica, podemos concluir que para o poeta, “acre” adquire o significado necessário para representar o momento em que vive, ou seja, a espera da morte que deixa um sabor acre na boca. Ainda na terceira estrofe, o último verso começa com um travessão e é posto separadamente dos demais, assim, revela a voz de outra pessoa para além do eu-lírico, possibilitando uma interpretação que é a própria voz de Manuel Bandeira. Ao utilizar do recurso de um advérbio “como”, o poeta nos leva a entender junto à figura de linguagem comparação,

que os adjetivos e substantivos presentes, remetem às perspectivas pessimistas, associando assim, ao evento da morte.

Para Goldstein (2002), “sinestesia é o recurso que sugere associação de diferentes impressões sensoriais, ou seja, sugestões ligadas aos cinco sentidos: visão, tato, audição, olfato, paladar”. Nesse sentido, a palavra em destaque é relacionada ao que é ácido, áspero, amargo, como é destaque no verso “deixando um acre sabor na boca”, ligado ao sentido do paladar. Além disso, “meu verso é sangue”, o autor demonstra o termo ligado à visão, ao que corre nas veias, que lhe dá vida, mas, ao mesmo tempo, no sétimo verso, “dói-me nas veias. Amargo e quente”, ele demonstra um sabor amargo ligado ao paladar.

A partir da análise feita, os versos do pernambucano nos remetem aos excertos de Castello (1989, p.332) “são como uma composição impregnada da sentimentalidade romântica, exacerbada pelo próprio gosto da confissão da dor, da amargura, do desalento, de origem mórbida”. Nesse viés, é válido associar que o poema no fazer poético do autor, a fuga do sofrimento através da escrita que, paralelo a isso, ele e o eu-lírico se fundem pelos versos duros na espera da morte.

2.3 PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes

Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente. (P.140-141)

O poema “Profundamente” está incluso no livro *Estrela da Vida Inteira* (1989) e é mais um “mote” relacionado à sua obsessão maior, a morte, tornando-se sua companheira e sua cúmplice, personificada no seu fazer poético. O texto é alinhado em 7 estrofes, onde o saudosismo pela infância do eu-lírico, pois cita seus parentes na estrofe 6.

“Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?”

Nesse sentido, a forma melancólica como o poema se apresenta, faz de tal época de escrita bandeiriana um nível de maturidade poética e pessoal diferente de outros escritos com o mesmo tema. O ideal modernista, por exemplo, seja pela quebra de paradigmas com a métrica e forma fixa, seja pela “brincadeira” com o campo semântico das palavras, mostra um autor se redescobrendo nesse seu itinerário. No que diz respeito as primeiras estrofes do poema, o eu-lírico relembra momentos vividos na infância e que, provavelmente o marcaram, tal fato lembra uma das eras de Bandeira, de escrever o cotidiano de forma simples, ato este que só o poeta sabe fazer de forma grandiosa. Contudo, ele mescla o cotidiano junto à morte com uma certa ausência dos parentes.

Ainda sobre o início do texto, mostra as lembranças do eu-lírico vividas na noite de São João, quando ele tinha 6 anos e não conseguiu ver o final da festa, pois havia adormecido, tais lembranças seguem até a estrofe quatro. A partir da estrofe cinco, há uma quebra, uma mudança de tempo, de lembranças à angústia por não ouvir mais as vozes daqueles entes queridos, pois segundo o eu-lírico, eles estavam “todos deitados/ todos dormindo/ dormindo profundamente”.

Com base nessas ideias, Silva (2019) pontua que:

O mundo interior do eu-lírico se encontra totalmente perturbado pelas perdas pessoais. A ausência de entes que preenchia o seu cotidiano é mais sofrida do que a perspectiva da morte. Passa, então, a eternizar o que foi perdido, apegando-se às coisas e pessoas que já se foram (2019, p.8)

Nos versos que evocam seus parentes mortos, “estão todos dormindo”, pode-se perceber, que essa busca incessante pelo que já se foi, é facilmente percebida. A ausência nesse poema confirma a ideia de finitude que o texto traz, a presença do passado no eu poético é sempre recorrente nos textos de Bandeira, como por exemplo, em “Visita”, que faz parte do livro *Opus 10*, onde a presença do outro, nesse caso a ausência se transcende em imagens.

Fui procurar-te à última morada,
Não te encontrei. Apenas encontrei
Lousas brancas e pássaros cantando...
Teu espírito, longe, onde não sei,
Da obra na eternidade assegurada,
Sorri aos amigos, que te estão chorando. (p.200)

Além disso, alguns recursos estilísticos são utilizados no poema, como o som, na estrofe um dá para notar a repetição constante do fonema /s/. Estrondo/s/ de bomba/s /luze/s/ de Bengala Voze/s/, cantiga/s/ e riso/s/ Ao pé das fogueira/s/ acesa/s/.

A quebra pelo advérbio “silenciosamente” acontece pela passagem de uma zoada para algo que aconteceu em silêncio. Nesse viés, o fonema /s/ expressa uma onomatopeia (siii...lenciosamente), uma vez que, tudo estava calmo, que somente dava para ouvir a passagem de um bonde. Por fim, a ausência mencionada em todo o poema, retoma o vazio vivido por Manuel Bandeira ao longo de sua vida, que tão bem foi colocada em textos poéticos, onde o poeta com um vocabulário de fácil compreensão, atinge temas tão profundos de forma criativa e clara para o leitor, desde sua infância, retratada no início do texto, de forma saudosista, ao tema da morte-ausência, que perpassa por toda sua trajetória poética.

Por fim, para além do tema em análise, destaca-se também, o tema da memória onde o eu-lírico faz um elo entre a memória distante da cidade do Recife, onde o poeta nasceu e morou por muitos anos, com o Rio de Janeiro, transfigurando o tempo em algo inerte e sem valor, como dito nos versos “quando eu tinha seis anos” e em “o ruído de um bonde”.

A vivência ao longo de sua vida ao ver as pessoas da sua família morrendo, como os pais e avós, e ele, que recebeu o diagnóstico de tuberculose aos 18 anos e conviveu com essa ideia do “morrer logo” ainda estava ali, é exatamente isto que o poema retrata. Como o autor mesmo cita em seu livro autobiográfico, que agora “ela pode vir”: “Agora a morte pode vir – essa morte que espero desde os dezoito anos: tenho a impressão que ela encontrará, como em “Consoada” está dito, “a casa limpa, a mesa posta, com cada coisa em seu lugar”. (1984, p.132)

O sentimento de finitude, expresso no poema em que o eu-lírico observa, ao lembrar de pessoas queridas em sua vida, nos mostra a beleza do poema e como o autor revela essa “saudade” de modo profundo, uma vez que, por ironia do destino, aquele dentuço, como Arrigucci Jr. menciona, ver todos partirem, sendo que ele, sempre esperou que iria primeiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo...”
(Manuel Bandeira, Consoada)*

Tendo em vista os aspectos observados em todo o texto e, em meio as análises propostas, verifica-se o caráter ímpar da poética bandeiriana quando o assunto é a morte. A escrita de Manuel Bandeira é simples e direta e, a partir dos poemas escolhidos, percebe-se que o tema é recorrente em toda sua trajetória, tendo em cada uma delas um viés diferente relacionado à morte, bem como sua espera. Em *Preparação para a morte* (1960), nota-se um eu-lírico tentando aceitar a morte em si, preparando-se para tal de forma nostálgica, observando as coisas mais simples e menos intencionais da vida. Em *Desencanto* (1917), este eu-poético já está desencantado, sem esperanças alguma de viver, retratando o próprio ato de escrita, mesclando assim, o autor e seu eu-lírico. Já em *Profundamente* (1989), o saudosismo por sua infância e por seus entes queridos que já partiram, torna-se mote para Manuel Bandeira expressar toda sua melancolia em forma de texto que dialoga com o cotidiano.

Nesse sentido, pode-se observar que para além do poeta do cotidiano, Bandeira escreve sobre o fúnebre, sobre a ausência/espera da “indesejada das gentes” e, sobretudo, a influência da tuberculose na escrita criativa/poética do autor. Ressalto, ainda, que o tema morte na poesia bandeiriana ganha um outro significado; é preciso que o leitor seja sensível e reflita sobre o discurso autobiográfico que os textos dialogam, para que assim, a poesia entre e se faça presente.

A presença da morte transcende o real e torna-se poesia que resulta em processos ligados a construção literária, onde, talvez, o poeta não tenha percebido a princípio o ritmo que sua obra andava e o discurso poético se faz tão íntimo que os escritos relacionados a fatores intrínsecos que sempre permearam/permeiam sua vida ganhariam tanto respaldo. Por fim, analisar três poemas de Bandeira pode ser considerado incipiente para a obra do autor, mas, quando se trata de trazer à tona o tema morte na poética bandeiriana, é inquestionável o elo que os textos fazem com sua escrita que transcende o poético do real, o dito pelo não dito e torna-se pura poesia tão íntima quanto a própria chegada da morte.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., Davi. **Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- _____. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. **A cinza das horas; Carnaval; O ritmo dissoluto**. Edições críticas de Júlio Castañon Guimarães e Rachel T. Valença. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CASTELLO, José Aderaldo. 1989. **Aspectos da poesia de Manuel Bandeira**. IN: SILVA. Maximiliano de Carvalho E. Homenagem a Manuel Bandeira. UFF: Rio de Janeiro, p. 332.
- CAVALCANTI, Luciano. O carnaval na poética de Manuel Bandeira. **Revista Darandina**, Juiz de Fora, v.2, n. 01. 10 dez. 2010.
- FARACO, Carlos Alberto . **Linguagem & Diálogo ”“ as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FERRARI, Leonardo. Manuel Bandeira. **Todo Estudo**. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/literatura/manuel-bandeira>. Acesso em: 29 de Março de 2022.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.
- GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O espírito e a letra: estudos de crítica literária: 1, 1920-1947**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v. 1. p. 142-143.
- JUNQUEIRA, Ivan. (org.) **Testamento de Pasárgada: antologia poética - Manuel Bandeira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- LOPES, Beatriz; GOMES, André Luís. A Escritura-Epitáfio de Manuel Bandeira. **Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais**, v. 13, n. 2, 2014.).
- MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed. Rio de Janeiro: vozes, 2008.
- QUINTANA, Mário. **A Rua dos Cataventos**. Globo Livros, 2005.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

SILVA, Maurício. Poesia e Morte: uma leitura psicanalítica de Manuel Bandeira. Letras, **Editora da UFPR**. Curitiba, n. 49, p. 171 -180. 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Trad.Caio Meira.4 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.